

GRONDIN, Jean. **Paul Ricoeur**. Tradução: Sybil Safdie Douek – São Paulo: Edições Loyola, 2015 – (Coleção leituras filosóficas).

Thiago Luiz de Sousa<sup>1</sup>

Jean Grondin (1955-) é um filósofo canadense, que leciona na Universidade de Montreal desde 1991. Seus livros se concentram principalmente em temáticas como hermenêutica, fenomenologia, filosofia clássica alemã e metafísica. Um dos melhores livros introdutórios sobre hermenêutica que temos acesso atualmente é dele, publicado em sua versão portuguesa pela Editora da UNISINOS, *Introdução à hermenêutica filosófica* (1998). Em tal livro não é trabalhado o maior expoente da tradição hermenêutica da França. Porém, Grondin não é alheio ao pensamento hermenêutico ricoeuriano. A obra de Paul Ricoeur é trabalhada e introduzida por ele em uma obra específica, *Paul Ricoeur* (2015), para abarcar todos os sentidos e horizontes que este conceito possui para o filósofo francês.

Como se introduzir ao pensamento de Ricoeur? Esta questão serve como ponto de arranque para o livro de Grondin e marca sua *introdução*. A obra de Paul Ricoeur é profícua e dinâmica, possuindo quase oitocentos títulos dedicados a várias temáticas, desde psicanálise até metáfora, por exemplo. Sendo assim, vários caminhos são possíveis, como um esboço para responder este questionamento inicial, desde uma abordagem biográfica, como faz François Dosse, ou a escolha de uma temática para servir de guia. Esta última alternativa é escolhida por Grondin e a *hermenêutica* é o fio condutor de sua empreitada, com a seguinte justificativa: “Se esta escolha não é a única possível e obriga a deixar a sombra alguns lados de seu pensamento, ela nos parece ser a escolha que melhor faz justiça ao percurso total da obra, a e ao seu método de leitura e ao modo pelo qual Ricoeur compreendeu a si próprio” (GRONDIN, 2015, p. 22).

Em seu *primeiro capítulo*, *Uma tripla descendência*, Grondin inicia com a seguinte frase: “As fontes de um pensamento são sempre complexas e subterrâneas” (GRONDIN, 2015, p. 23). Com Paul Ricoeur, isso não seria diferente. Embora, saibamos que *hermenêutica* é o conceito que faz justiça a totalidade da obra do filósofo francês, suas fontes, complexas e subterrâneas, revelam que ela é apenas o último traço de uma filosofia que passa antes pela tradição reflexiva e depois fenomenológica. A ideia central que marca todo pensamento ricoeuriano e que é apontada por Grondin é o de um pensamento é de que o sujeito deve seguir

318

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e licenciando em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bacharel em Filosofia e Mestre em Ciência da Religião pela UFJF, contribui com o Núcleo de Estudos sobre Filosofia Clássica Alemã (NUFCAL) desde 2016. E-mail: thiago-luiz-sousa@hotmail.com.

a via longa da interpretação dos símbolos se quiser conhecer a si mesmo (GRONDIN, 2015, p. 27). Este passo é o corte epistemológico que Ricoeur realiza diante da tradição reflexiva e fenomenológica e que inaugura sua própria filosofia, sua hermenêutica.

No *segundo capítulo*, *Uma filosofia das potências e impotências da vontade*, Grondin analisa o primeiro projeto filosófico de Paul Ricoeur, que é o da elaboração de uma *filosofia da vontade* e se deu em três partes: (i) com o livro *O voluntário e o involuntário* (1950); (ii) com *Finitude e culpabilidade*, que foi publicada separada em dois livros: *O homem falível* e *A simbólica do mal*; (iii) *Poética da vontade*, que nunca apareceu com tal nome, mas por meio de vestígios em sua maturidade filosófica (GRONDIN, 2015, p. 29). Percebe-se, assim, neste breve esquema, a tese que perpassa toda análise de Grondin: toda obra de Ricoeur busca cumprir o projeto traçado em suas primeiras obras, o filósofo francês jamais esquece de suas origens, pelo contrário, procura leva-las até as últimas consequências. Neste sentido, a constatação de Grondin é clara: “[...] a filosofia da vontade é a estrela do caminho do pensamento de Ricoeur, se é verdade, como disse Heidegger, que a proveniência é futuro que jamais se renega completamente seu ponto de partida em filosofia” (GRONDIN, 2015, p. 30).

No *terceiro capítulo*, *Do sentido às vezes esquecido da primeira entrada de Ricoeur na hermenêutica*, Grondin aponta que é a aporia do mal a responsável pela virada hermenêutica do pensamento de Paul Ricoeur: “No primeiro volume da *Filosofia da vontade*, a análise ‘eidética’ da vontade deixava de lado toda a parte da falta e da culpabilidade. O mal tendo algo de incompreensível, tal análise não pode explica-lo” (GRONDIN, 2015, p. 55-56). Sendo assim, a *hermenêutica* aparece no pensamento ricoeuriano como uma tentativa de inserir a simbólica do mal em um discurso filosófico (GRONDIN, 2015, p. 57). Paul Ricoeur jamais renega este seu primeiro passo em um projeto hermenêutico, mas o amplia, dando-o novos sentidos. Sendo assim, Grondin busca enfatizar o gérmen da originalidade da hermenêutica filosófica de Ricoeur, que, segundo ele, se dá nas “[...] possibilidades do homem e de sua busca de sentido” (GRONDIN, 2015, p. 70).

No *quarto capítulo*, *O arco dos possíveis da interpretação*, Grondin adentra no ápice de sua tese sobre o pensamento de Paul Ricoeur, a saber, o novo rumo que a *poética da vontade* toma no projeto filosófico ricoeuriano. Com *Da interpretação: ensaio sobre Freud*, fruto de suas aulas na Sorbonne e em Yale, Paul Ricoeur apresenta o símbolo em um sentido

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 9	n. 19	Agosto – Dezembro 2020	p. 318 - 321
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

bem diferente daquele que aparecia em obras anteriores. “O símbolo se encontra doravante acoplado à esfera do duplo sentido em geral, que inclui os sonhos” (GRONDIN, 2015, p. 73). Hermenêutica se faz presente aqui enquanto lesgiladora das regras da interpretação. Na obra dedicada a Freud, o título de um dos capítulos antecipa a obra que viria na sequência, *O conflito das interpretações*. Com esta obra, há na hermenêutica “[...] duas grandes abordagens da interpretação, antagônicas em superfície, mas que Ricoeur considera complementares” (GRONDIN, 2015, p. 78). Por um lado, uma hermenêutica da suspeita, por outro lado, uma hermenêutica do recolhimento do sentido, ambas compondo uma hermenêutica que percorre o que o filósofo francês chama de “caminho longo”.

No quinto capítulo, *A hermenêutica do si nas sumas da maturidade*, Grondin busca sintetizar os escritos da maturidade de Ricoeur, aqueles que forma escrito após o filósofo francês completar 85 e fazer, através de escritos autobiográficos, um balanço de toda sua carreira filosófica. Neste sentido, Grondin comenta: “Se em *Si mesmo como um outro* Ricoeur reestrutura sua filosofia da vontade, pode-se dizer, exagerando muito, que em *A memória, a história, o esquecimento* ele retorna o canteiro de obras de *História e Verdade*” (GRONDIN, 2015, p. 107). Com estas palavras, Grondin aponta o quanto há nos últimos escritos de Ricoeur um convite para reinterpretar sua própria obra. Além disso, novos horizontes são traçados, referentes tanto a ética, quanto a ontologia, por exemplo. Paul Ricoeur deixa, assim, sua obra marcada pelo signo do inacabamento, como Grondin destacará na *Conclusão* de seu rico livro (GRONDIN, 2015, p. 113).

Repitamos uma questão que já apareceu nesta resenha: como se introduzir ao pensamento de Ricoeur? Se esta pergunta foi o ponto de partida para a reflexão de Jean Grondin em *Paul Ricoeur*, do mesmo modo, parece-nos que esta também é o ponto de chegada, pois, com Grondin, somos convidados mais do que compreender de maneira geral a obra ricoeuriana, mas dar novos horizontes para ela. Não é por acaso que Grondin julgou que Paul Ricoeur merecia uma obra a parte da introdução da tradição hermenêutica. Em *Paul Ricoeur* temos lições a mais do que um manual poderia ofertar, com contextualizações e explicações, temos a oferta de uma chave de leitura viva, que permite a nós refletirmos como trilhar o nosso próprio “caminho longo”, que permite saber que a obra ricoeuriana é hermenêutica, composta por revisões, ressignificações e múltiplos diálogos. Deste modo, podemos dizer sem medo: em *Paul*

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 9	n. 19	Agosto – Dezembro 2020	p. 318 - 321
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

*Ricoeur*, mais do que em qualquer outro lugar, temos uma mapa que nos permite dar primeiros passos com segurança entre as linhas da obra ricoeuriana, que nos permite escolher um caminho, que nos permite, através da amizade com a verdade, ser um(a) amigo(a) de Paul Ricoeur.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 9	n. 19	Agosto – Dezembro 2020	p. 318 - 321
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------